


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

**DISCURSOS SOBRE A CIVILIDADE E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES EM MANUAIS PORTUGUESES DOS SÉCULOS
XVIII-XIX**



GESIEL PRADO SANTOS

ARARAQUARA – S.P.
2015

GESIEL PRADO SANTOS

**DISCURSOS SOBRE A CIVILIDADE E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES EM MANUAIS PORTUGUESES DOS SÉCULOS
XVIII-XIX**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2015

Gesiel Prado Santos

**DISCURSOS SOBRE A CIVILIDADE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM
MANUAIS PORTUGUESES DOS SÉCULOS XVIII-XIX**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Data da defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin**
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/Unesp

Membro Titular: **Prof. Dr. Nilton Milanez**
Universidade Estadual Sudoeste da Bahia

Membro Titular: **Profa. Dra. Vanice Maria de Oliveira Sargentini**
Universidade Federal de São Carlos

Membro Titular: **Prof. Dra. Kátia Menezes de Sousa**
Universidade Federal de Goiás

Membro Titular: **Profa. Dra. Luzmara Ferreira Curcino**
Universidade Federal de São Carlos

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*À Dona Lúcia,
pelo apoio incondicional.*

AGRADECIMENTOS

À Rosário, minha orientadora, pelo conhecimento compartilhado e pela experiência dedicada à produção deste trabalho.

Ao Jorge Ramos do Ó, pela orientação no estágio sanduíche no Instituto de Educação.

Aos amigos de doutorado: Lilian, Cleides, Marilurdes, Eneida Vinícius, Janaína.

Ao Marco Aurélio, "de um modo geral". Seu apoio na reta final deste trabalho foi simplesmente incrível.

Aos amigos do GEADA, Thiago, Yuri, Janaina, Meire, Maurício, Juliana, Renan, pelos momentos com Foucault.

Aos amigos que ganhei ao longo destes anos: Raquel, Camila, Renata, Letícia, Alessandra.

Ao mestre Raimundo. Pai, não existem palavras que possam descrever como sua ajuda foi importante.

Ao Juh Romo, companheiro amado, refúgio nas horas mais difíceis. Todos os sentimentos estão nas entrelinhas desta tese.

À CAPES pelo apoio financeiro da pesquisa.

Sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,
Espécie de acessório ou sobressalente próprio,
Arredores irregulares da minha emoção sincera,
Sou eu aqui em mim, sou eu.

Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.
(PESSOA, 1944, p.49)

RESUMO

Tomando o ponto de vista da Análise de Discurso a partir da reflexão de Michel Foucault e considerando as subjetividades enquanto construções históricas intermediadas pela relação intrínseca das práticas discursivas e as técnicas de si, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar o discurso de manuais de civilidade que circularam em Portugal e no Brasil nos séculos XVIII e XIX, a fim de entender seu papel na projeção do sujeito civilizado a partir do processo civilizatório decorrente da instauração da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808. A existência e a circulação de uma literatura prescritiva de comportamentos coloca ao sujeito a função de aplicar sobre si um conjunto de técnicas de controle de modo a tornar-se civilizado. Aceitar que subjetividades são forçadas por práticas discursivas, requer analisar o discurso para além dos limites da significação e inseri-lo em uma rede de interconexões com outros dizeres e acontecimentos, na tentativa de compreender “o que faz do sujeito um civilizado”. Sendo assim, abre-se a problemática para pensar uma análise do discurso que não esteja às voltas apenas com a constituição dos sentidos, mas que tenha interesse em compreender as subjetividades por meio de uma cartografia da existência. Portanto, com base na leitura de postulados teóricos foucaultianos, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre uma teoria da subjetividade na Análise do Discurso por meio da genealogia das práticas de existência desenvolvida por Michel Foucault. O sujeito ocupa o centro do pensamento da filosofia foucaultiana, e o exercício de compreensão implica olhar para as práticas discursivas, de modo a compreender de que maneira as subjetividades são construídas.

Palavras-chave: Foucault. Discurso. Análise do Discurso. Sujeito. Subjetividade. Civilidade. Técnicas de si. Subjetivação.

RÉSUMÉ

Considérant les réflexions de Foucault à propos de l'Analyse du Discours et les subjectivités comme des productions historiques médiées par la relation intrinsèque des pratiques discursives et des techniques du soi, l'objectif de ce travail-là c'est d'analyser le discours de la bienséance et du bon comportement et son rôle dans la projection du sujet civilisé dès le procès de civilisation commencé par l'instauration de la Cour Portugaise au Rio de Janeiro, en 1808. L'existence et la circulation d'une littérature normative de comportements mettent sur le sujet la fonction d'appliquer sur soi-même un ensemble de techniques de contrôle pour devenir civilisé. Pour accepter que les subjectivités sont produites par des pratiques discursives on doit analyser le discours au-dehors des limitations de la signification, et le placer dans un réseau d'interconnexions avec des autres dits et événements, pour essayer de comprendre « ce que fait du sujet un civilisé ». De cette façon, on crée une problématique autour d'une analyse du discours qui ne s'occupe que des sens, en posant le besoin de comprendre les subjectivités à travers une cartographie de l'existence. On propose ainsi penser une théorie de la subjectivité dans l'Analyse du Discours à travers une généalogie des pratiques d'existence avec la lecture de Michel Foucault. Le sujet occupe le centre de la pensée de la philosophie foucauldienne, et l'exercice de compréhension implique regarder les pratiques discursives, pour comprendre de quelle façon les subjectivités sont-elles produites.

Mots-clés: Foucault; Discours; Sujet; Subjectivité; civilité; Techniques du soi; Subjectivation.

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	Análise do discurso
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
RMC	Real Mesa Censória
BNL	Biblioteca Nacional de Lisboa
BNE	Biblioteca Pública de Évora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DISCURSO E SUJEITO: ROTAS DE INVESTIGAÇÃO NOS RASTROS DE FOUCAULT	19
1.1 <i>DO CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO EM DIÁLOGO COM MICHEL FOUCAULT</i>	20
1.1.1 <i>DISCURSO E SUJEITO NOS INTERSTÍCIOS DA HISTÓRIA</i>	23
1.2. <i>PROCESSOS HISTÓRICOS DE CONSTITUIÇÃO DAS SUBJETIVIDADES EM MICHEL FOUCAULT</i>	32
2. CIVILIDADE COMO PRÁTICA NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS	56
2.1. <i>TEM CABIMENTO FALAR EM CIVILIDADE NOS DIAS DE HOJE?</i>	57
2.2. <i>POR UMA GENEALOGIA DAS PRÁTICAS DE CIVILIDADE</i>	64
2.3. <i>A CIVILIDADE ERASMIANA</i>	73.
3. CIVILIDADE E ARTE DE VIVER EM SOCIEDADE (SÉCULO XVIII)	80
3.1. <i>A CIVILIDADE: OBRAS E VICISSITUDES</i>	82
3.2. <i>TRATADO PRÁTICO DA CIVILIDADE PORTUGUESA</i>	102
4. CIVILIDADE IMPORTADA: MODOS E MANEIRAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	110
4.1. <i>O PODER SIMBÓLICO DA DISTINÇÃO: A LITERATURA CORTESÃ</i>	111
4.2. <i>CORTESIA NA CULTURA PORTUGUESA: O DISCRETO PORTUGUÊS</i>	115
4.3. <i>O ARISTOCRATA CIVILIZADO</i>	122
4.4. <i>UMA CORTE NOS TRÓPICOS: PRÁTICAS DE CIVILIDADE NO RIO OITOCENTISTA</i>	128
4.5. <i>PRÁTICAS DE SI E PRODUÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO EM MANUAIS DE CIVILIDADE DO SÉCULO XIX</i>	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170
APÊNDICE	171

INTRODUÇÃO

Os amorosos brigam, reconciliam-se, imploram, agradecem, marcam encontros com olhares: o próprio silêncio tem sua linguagem [...]. E não nos exprimimos com as mãos? Pedimos, prometemos, chamamos, despedimo-nos, ameaçamos, suplicamos, rezamos, negamos, interrogamos, admiramos, recusamos, contamos, confessamos, manifestamos nosso arrependimento, nossos temores, nossa vergonha, nossas dúvidas [...]. E que mais não externamos, unicamente com as mãos, cuja variedade de movimentos nada fica a dever às inflexões da voz? [...]. Não há gesto ou movimento em nós que não fale, de uma maneira inteligível que não é ensinada e que todos entendem.

Montaigne (1972, p. 215)
Ensaios

O pensamento renascentista no século XVI é marcado por uma série de práticas discursivas que colocam o homem como construtor de si. Neste século começa a ganhar destaque uma literatura voltada ao ensino de técnicas de apresentação do corpo, modos do vestir, maneiras de conduzir o olhar, moderar os gestos e porta-se à mesa durante as refeições. Esse gênero literário está relacionado com a irrupção do conceito de civilidade, não em oposição à barbárie, do saber contra a estupidez, mas fundada no individualismo prático e no naturalismo filosófico.

Os tratados de civilidade descrevem em versos fáceis, de modo a serem fixados na memória e no corpo, a forma de bem conduzir-se na sociedade num contexto em que se vive cada vez mais em conjunto. Os tratados ensinam a viver em sociedade a partir da prescrição de regras que visam a transformação de si mesmo, por meio da autogestão das posturas corporais. Sendo assim, a civilidade constitui uma prática que deve ser aprendida, e aplicada nas mais variadas situações do cotidiano. Esse pensamento faculta o pressuposto segundo o qual a literatura normativa não exerce apenas a função de distinção social, tal como é abordada por Norbert Elias (1993;2011) em sua tese do processo civilizador. A civilidade constitui antes um meticuloso trabalho de transformação de si enquanto sujeito ético. Assim, as regras de civilidade podem ser consideradas como práticas de constituição dos sujeitos.

Na história do conceito de civilidade o tratado *A Civilidade Pueril* de Erasmo de Roterdão¹ (1978) marca um momento fundador. Considerado um *best-seller* do seu tempo, a obra erasmiana foi lida, relida, retomada até meados do século XIX (ARIÈS, 1978, p.15). A partir da civilidade erasmiana (ROTerdão, 1978), as posturas e os gestos corporais são codificados de modo a serem interpretados não apenas para reconhecimento de uma posição social. A assimilação e aplicação das regras correspondem a um trabalho de construção de subjetividades. O corpo configura uma substância que deve ser moldada a partir de um aparato de regras para inscrever no indivíduo um código de civilidade. Vigiar as posturas e reger as condutas são práticas que ficam a cargo do sujeito. Cabendo a ele a função de governar suas posturas corporais, de modo que o outro reconheça os mesmos códigos que tem codificado em si.

Desta forma, considerando as regras de civilidade enquanto técnicas de construção de sujeitos, o objetivo deste trabalho consiste em compreender os processos de

¹ Optou-se por manter a grafia Erasmo de "Roterdão", diferente de Erasmo de "Rotterdam", como aparece nas edições brasileiras, de modo a manter-se fiel à tradução portuguesa **A Civilidade Pueril**, de 1978, basilar para o desenvolvimento desta pesquisa.

subjetivação por meio do estabelecimento de regras de condutas prescritas em manuais de civilidade portugueses do século XVIII e XIX.

No primeiro momento será dado enfoque a dois importantes manuais portugueses impressos no final do século XVIII: *Escola de Política ou tractado práctico da civilidade portuguesa* de D. João de Nossa Senhora da Porta (1786) e *Elementos da Civilidade que se pratica entre gente de bem* de Abade Prévost (1801), ambos tiveram grande circulação no Rio de Janeiro durante o século XIX. Quanto aos tratados do século XIX, as análises serão ambientadas no contexto da implantação da corte lusitana em solo carioca em 1808, dada as alterações na paisagem urbana e na vida social decorrente deste fato.

No entanto, falar sobre manuais de civilidade no Rio de Janeiro não constitui uma tarefa das mais fáceis. Logo de início nos deparamos com a escassa referência de estudos e pesquisas brasileiras que tenham por objeto os tratados de condutas. As referências para leitura e composição do *corpus* da pesquisa foram içadas a partir de pistas deixadas por um ou outro texto que abordava um ou outro tratado de civilidade como exemplo. Ao longo da pesquisa não nos deparamos com nenhum estudo que contemplasse a história dos manuais de comportamento no Brasil.

Para ilustrar a incúria com a história dos tratados de civilidade, destacamos o texto "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura", de Luis Carlos Villalta (1997), presente na importantíssima coleção **História da Vida Privada no Brasil**, volume organizado por Laura de Mello e Souza (1997). No texto o historiador delinea uma interessantíssima trajetória dos leitores e da leitura no Brasil, mas nem longe traça uma referência sobre os tratados que circularam neste contexto, como podemos constatar através de levantamento feito em meios aos requerimentos para obtenção de licença de envio de livros, nos Arquivos Nacional da Torre do Tombo².

Quanto à impressão dos manuais no Brasil oitocentista, a obra organizada por Aníbal Bragança e Márcia Abreu (2010), que trata dos impressos no Brasil durante o século XIX, também não apresenta discussões acerca deste tipo de literatura que teve um importante mercado editorial. No relato de Thomas Ewbank (1976) sobre a vida na corte carioca, o viajante destaca o grande comércio de obras de prescrição de comportamento nas ruas da corte. Por outro lado, podemos constatar nos jornais cariocas um número expressivo de

² ANTT/RMC. Livros destinados aos Domínios Ultramarinos, Brasil cx. 157 a cx. 163.